

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação



Sílvia Helena Tobias Lima de Jesus



1290002799



FE

TCC/UNICAMP J499i

**A Inserção Educacional do Pessoal de Apoio da Escola
na Função e Natureza do Processo Institucional Escolar**

Campinas
2005



Sílvia Helena Tobias Lima de Jesus

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Curso de Pedagogia – PEFOPLEX – Turma 2002

R.A. 018314

**A Inserção Educacional do Pessoal de Apoio da Escola
na Função e Natureza do Processo Institucional Escolar**

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso
de Pedagogia Pefopex (Turma 2002 – 2005)
apresentado à Faculdade de Educação da
UNICAMP como exigência parcial para obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia,
desenvolvido sob orientação do Profa. Dr. César
Nunes.

Campinas
2005

UNIDADE	F.E
Nº CHAMADA	2499
V:	
TOMAS	2499
PROC.	12312006
C:	X
PRECO:	
DATA	24/03/06
Nº CPD:	2499

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

J499i Jesus, Sílvia Helena Tobias.
A inserção educacional do pessoal de apoio da escola na função e natureza do processo institucional escolar / Sílvia Helena Tobias Lima de Jesus. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : César Aparecido Nunes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Pessoal de apoio administrativo. 2. Política e educação. 3. Gestão da educação escolar. 4. Intersubjetividade. I. Nunes, César Aparecido, 1959- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-279-BFE

Aos meus amados sobrinhos Ian, Carol,
Gabi e Acsa que me enchem de alegria e
orgulho. À minha querida afilhada
Juliany.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que passaram em minha vida e que foram fundamentais na minha escolha profissional.

A todos que, de alguma maneira, acrescentaram algo em minha formação, especialmente meu orientador, Prof^o Dr. César Nunes.

Agradeço emocionada ao meu marido pela dedicação e amor durante todos esses anos.

Minha mãe e meus irmãos por todo apoio, companheirismo e carinho dedicado durante esta jornada.

Meus amigos e familiares que apoiaram nessa caminhada, especialmente a um anjo com nome de Valéria.

Agradeço, por fim e principalmente, a Deus...

RESUMO

A presente pesquisa objetivou tratar da inserção do pessoal de apoio na escola, entenda-se dos profissionais não-docentes, problematizando o caráter educativo intrínseco à prática destes funcionários, considerando a própria natureza do processo educativo escolar. Assim, buscou-se compreender o trabalho de tais profissionais dentro da escola, a implicância de suas práticas dentro de tal processo educativo, destacando as múltiplas relações que se estabelecem entre os funcionários de apoio e o caráter organizacional da escola. Contudo, nosso olhar investigativo recaiu, sobretudo, nas relações intersubjetivas que ocorrem na escola, pesquisando, mais especificamente as relações que envolvem os funcionários de apoio inseridos nela.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi fundamental o emprego de uma metodologia que viesse ao encontro do caráter subjetivo que perpassou muitos dos questionamentos suscitados, daí a utilização entrevistas individuais e relatos de experiências como procedimentos metodológicos. As entrevistas estruturadas (com perguntas previamente formuladas), foram realizadas com professores, funcionários de apoio e crianças de escolas públicas, estaduais e municipais, e de uma particular, buscando investigar a visão que os sujeitos entrevistados têm acerca da função do profissional de apoio no processo institucional da escola. Através dos dados coletados nas entrevistas, relacionando-os com as bibliografias levantadas e estudadas, foram criadas algumas categorias de análise que nos permitiu compreender melhor muitas falas encontradas nas entrevistas. A partir daí, é proposta uma discussão acerca de algumas perspectivas e propostas em relação à valorização do papel educador dos funcionários de apoio,, apontando sobretudo para iniciativas que vem sendo tomadas a este respeito.

Finda o trabalho algumas considerações finais que dizem dos olhares acerca do profissional de apoio da escola, um que não reconhece na figura deste profissional seu papel educativo irrefutável, tendo em vista a natureza mesmo do processo educativo que se dá na escola; e outro que reconhece um engajamento educativo nas práticas deste profissional, considerando a dimensão ética e humana a que se refere o ato de educar, o qual transpõem as paredes da sala de aula e as concepções conteudistas de educação.

Enfocar o trabalhador não-docente e as relações intersubjetivas que envolvem a atuação destes trabalhadores na escola possibilitou, durante a pesquisa, adentrarmos a escola por outra via, conhecendo o universo escolar por um foco diferente dos comumentes utilizados, o que representou uma experiência muito instigante na pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 01
1. CAPÍTULO I – Sobre educadores, educação e escola: o que cabe aos funcionários de apoio?.....	p. 04
2. CAPÍTULO II – Vozes e imagens... Intersubjetividade nas relações escolares.....	p. 13
3. CAPÍTULO III – Perspectivas e propostas para um efetivo reconhecimento dos funcionários de apoio como educadores da/na escola.....	p. 34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 45
ANEXOS.....	p.47

INTRODUÇÃO

A temática do presente trabalho diz respeito à inserção educacional do pessoal de apoio da escola na função e natureza do processo institucional escolar. Trata-se de uma investigação baseada em estudos bibliográficos e na pesquisa direta com alguns dos sujeitos que compõem o universo escolar, buscando compreender como os funcionários não – docentes da escola, intitulados “funcionários de apoio” são vistos na natureza de sua função, em que consiste a dimensão educacional do trabalho funcional desse pessoal de apoio, as tipologias das representações materiais destes no espaço escolar e, por fim, apontar iniciativas que poderiam alterar esta realidade.

Tendo em vista a concepção de escola como *lócus* da educação e desta como prática estritamente humana, ética, feita na comunhão, no diálogo e vivência entre os homens, transcendendo a visão de educação como prática exclusiva do professor de “ensinar” conteúdos ou “transmitir” conhecimentos, limitada às paredes que cercam os educandos na chamada sala de aula. Diante disso, defendemos, ao longo do trabalho, o papel educador de todos os atores da escola, inclusive os chamados funcionários de apoio.

O interesse pelo tema é fruto de minha experiência profissional e acadêmica, através do contato com literaturas diversas no curso de pedagogia. A questão da presença do funcionário de apoio, sua função e as relações intersubjetivas que o envolve, em muito me incomodava (e incomoda), pois o não reconhecimento do papel educativo destes funcionários implica em conflitos de interesses e objetivos que, muitas vezes, distanciam-se do efetivo objetivo da escola: o processo educativo. Assim, entender como se dá a inserção destes profissionais em tal processo, fez-se como interesse precípua na possibilidade de uma pesquisa.

Todo o processo de investigação, desde as pesquisas à bibliografias, as leituras e a interação com funcionários de apoio, alunos e professores entrevistados, constituíram-se numa exímia experiência, fundamental à minha formação. Todas essas aprendizagens ao longo da pesquisa, possibilitaram a construção de conhecimentos que representaram muito mais do que o cumprimento da exigência da Faculdade de Educação para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, mas sim uma atitude política, que, sinto, contribuiu um pouco mais para a incessante luta pela escola pública, laica, gratuita, universal e de qualidade.

Quanto à estrutura do trabalho, alguns temas e conceitos são primeiramente tratados, primando a apresentação do estudo bibliográfico e a apresentação de idéias, ideais e conceitos que permearam e embasaram todas as discussões realizadas no trabalho, sendo precedidos pela apresentação da pesquisa de campo (as entrevistas), suas análises e a prospectiva de perspectivas e propostas acerca da valorização dos funcionários de apoio.

Assim, primeiramente, no Capítulo I, serão apresentados o tema, sua problematização e relevância, bem como a metodologia utilizada para investigá-lo. Ainda neste primeiro momento, tratamos do conceito de educação e da natureza do processo institucional escolar, e, por fim, apresentamos as bibliografias pesquisadas que tratam especificamente do tema, as quais não constituíram-se numa vastidão de referências, tendo em vista a recente emersão do tema no campo teórico educacional e nas políticas públicas.

Num segundo momento, será tratado do tema propriamente dito, trazendo as discussões propulsionadas pelas entrevistas e buscando responder alguns dos questionamentos que impeliram a pesquisa.

Segue-se, por fim, o terceiro capítulo, no qual são apresentadas e discutidas as propostas e perspectivas que cabem à problemática d inserção do pessoal de apoio na escola, seu papel educador e sua valorização na condição de profissional da educação.

A título de conclusões ficam reflexões últimas em relação ao tema de pesquisa, possibilitadas pela construção de conhecimentos engendrados pela autônoma ação de pesquisar.

1. CAPÍTULO I – Sobre educadores, educação e escola: o que cabe aos funcionários de apoio?

Pretendemos, no transcorrer do presente capítulo, apresentar a escola como um feixe de múltiplas relações e disposições. Analisaremos as finalidades e natureza dessas relações. E, por razões de escolha metodológica, defenderemos o objetivo de investigar as relações intersubjetivas travadas entre as equipes de especialistas, docentes e funcionários, com ênfase nas equipes de apoio. Uma funcionária de escola, perguntada por uma diretora, como se sentia na escola, respondeu: - *invisível! – ninguém parece me ver!* Seria essa percepção verdadeira? Quais seriam as funções e atribuições da equipe de apoio na escola? São essas as motivações do presente capítulo.

O universo escolar constitui-se por um conjunto de vivências, representações, práticas e instituições. Amplia-se para um emaranhado de idéias, ideais e ideologias, de concepções e conceitos diversos e ainda de relações intersubjetivas entre os sujeitos atores deste cenário comum: a escola. São infindas as questões que permeiam tais relações escolares, sejam elas de ordem pedagógica, educativa, administrativa ou organizacional, constituindo-se num vasto campo para a pesquisa científica educacional.

Arvorar-se por tão vasto campo de pesquisa, porém, implica na necessidade de fazer-se alguns recortes, especificando ao máximo o olhar investigativo que se pretende lançar sobre o universo escolar. Por essas razões temos escolhido, então, assumir a premissa que compreender todas as múltiplas relações que envolvem tal universo escolar, faz-se uma missão

um tanto incabível à dimensão da pesquisa que aqui apresentamos. Desse modo, nosso olhar investigativo recairá sobre as relações intersubjetivas que ocorrem na escola, pesquisando, mais especificamente as relações que envolvem os funcionários de apoio inseridos nela. Cabe aqui, antes de adentrar mais inteiramente no objeto de investigação da presente pesquisa, tratar de alguns pressupostos e idéias, necessários tanto à fundamentação dos motivadores da mesma, quanto à compreensão desta como incontestemente à elucidação da escola e seu processo educativo.

Tomemos por início a discussão levantada por Paulo Freire (1998) acerca da prática educativa natureza ética. Esta “ética universal do ser humano” , como natureza humana, fazendo-se como “algo absolutamente indispensável à convivência humana”, torna a prática educativa uma especificidade do ser humano que transpõe formalidades conteudistas e diz, muito mais, do ser em comunhão aos outros, da relação entre sujeitos que se fazem humanos à medida que se relacionam, se ensinam e aprendem entre si. Com isso, ensinar e aprender fazem parte de uma mesma ação: ao ensinar se aprende e ao se aprender se educa, não há prática educativa de única via, educar faz-se duplamente no formar e formar-se concomitantemente. Em tudo aprendemos e ensinamos, em relação com o outro a prática educativa acontece, seja ela sistematizada ou não.

Trago estas idéias de Freire na intenção de esclarecer a concepção de escola e das relações que acontecem nela, da qual partimos nesta pesquisa. O universo escolar, apesar de seu aspecto institucionalizado de caráter conteudista, as relações que nela se dão, sob qualquer aspecto, entre qualquer dos sujeitos que a compõem, são de natureza educativa. Há ensino e aprendizagem mesmo fora da sala de aula, sem a presença da figura do professor, de modo que o “ensinar [na escola] não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo” (Paulo Freire, 1998, p.29).

Com isso, acreditamos que ensinar e aprender não significa apenas a assimilação de conteúdos curriculares, organizados em disciplinas dicotômicas, tomadas como meio da escola cumprir seu papel de transmissora dos conhecimentos acumulados ao longo da história pela humanidade. O papel da escola não é apenas intelectual, educar transpõe os limites deste aspecto, de modo que “a formação do aluno jamais acontecerá pela assimilação de discursos, mas sim por um processo micro social em que ele é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade, ao mesmo tempo em que percebe essas mesmas práticas nos demais membros que participam deste microcosmo com que se relaciona no cotidiano” (Gallo,1999: p.20).

A escola é, assim, palco para diversas e múltiplas relações sociais que podem – e o fazem – reproduzir o modelo econômico e social dominante. Por razões históricas e definições sociológicas sabemos que predomina em nossa formação cultural um processo de desenvolvimento de forças materiais e sociais definidas como de base capitalista, com seu enfoque individualista e hierarquizado, que tanto pode servir para a manutenção da ordem como pode também tornar-se um meio de resistência a este capitalismo, proporcionando vivências diversas aos educandos, as quais transpõem em muito os currículos formais e conteudistas da escola. “É uma pena que o caráter socializante da escola (...) seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos”. As experiências de vivências informais na escola, em todos os seus espaços contribuem em muito para a formação dos educandos, de modo que “variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação”. (Paulo Freire, p. 49).

O universo escolar se configura, pois, numa variedade de (re)significações que lhe são atribuídos de acordo com as subjetividades daqueles que fazem parte deste universo. Ou seja, “num mundo de contrastes como o da escola, começa-se a distinguir múltiplas realidades

concretas que vários sujeitos podem identificar e viver como ‘escola’ e a compreender que ela é objetivamente distinta de acordo com o lugar em que é vivenciada”. (Ezpeleta e Rockwell, 1989, p.22). Estas diferentes formas de identificar e viver a “escola”, darão o contorno aos tipos de relações que nela se darão.

Diante desta rede de trocas educativas que acontecem dentro da escola, entram em cena outros atores que se fazem importantes no processo educativo da escola, tal como o são os docentes. Daí a relevância do papel dos funcionários não-docentes, chamados de apoio, dentro da escola, merecendo ser alvo de pesquisas e de políticas educacionais, bem como vem acontecendo em alguns estados do Brasil, como Goiás. No entanto, a situação educacional no Brasil encontra-se num processo de degradação e, mesmo com a implementação das políticas educacionais atuais, como as de financiamento, ela apresenta um quadro de sucateamento das escolas públicas. Daí que a realidade da situação de trabalho dos trabalhadores da educação, como os funcionários de apoio, é cada vez mais ultrajante. O resultado disso é a depreciação dos trabalhadores do setor educacional, com salários que não condizem ao seu trabalho, e péssimas condições para a realização de suas atividades, o que interfere em muito na qualidade do desempenho destes trabalhadores. São muitas as lutas dos trabalhadores da educação, muitas questões que os afligem, como o reconhecimento e valorização pelo seu papel social e a melhoria de suas condições de trabalho. Em se tratando dos funcionários de apoio, há outro ponto de luta, além destes, que diz respeito ao reconhecimento do seu trabalho no processo de formação e educação dos educandos na escola. Conforme nos revela os estudos de Bernadete Nunes (2000) em sua pesquisa de mestrado, num âmbito nacional estes funcionários não foram ainda reconhecidos pela relevância de seu papel educador na escola, de modo que podemos observar Lei de Diretrizes e Bases, por exemplo, esse não reconhecimento no nível jurídico/governamental:

“Na Lei de Diretrizes e Bases, por exemplo, os funcionários não são mencionados; também não conseguiram até agora um plano de carreira unificado: são ainda considerados ‘apoio’ e não exatamente profissionais. O Anuário Estatístico do Brasil de 1996 não lhes faz qualquer referência, restringindo-se apenas a professores e alunos”.(s/página).

Ainda que sem este reconhecimento, todos os profissionais que atuam na escola exercem atividades educativas, estando ou não em contato direto e por um longo tempo com os alunos, de modo que os profissionais da educação, antes de tudo, têm o ofício de educadores.

“O trabalho exercido pelos funcionários da limpeza, da merenda, da biblioteca visa o processo educativo. Portanto, o produto de seu trabalho não se resume em ter a merenda pronta na hora certa e gostosa para os alunos, em ter a escola limpa, mas em contribuir para a educação de todas aquelas crianças e jovens que estão ali presentes. Podemos dizer então, que a valorização de todos esses profissionais da educação que atuam na escola é que vai garantir um produto de qualidade, visto que eles também são responsáveis por este produto”.
(Toschi et al., 2004, p.7).

Enfocar o trabalhador não-docente e as relações intersubjetivas que envolvem a atuação destes trabalhadores na escola possibilitou, durante a pesquisa, adentrarmos a escola por outra via, ou seja, “pela equipe que a mantém funcionando, outros atores nesse palco, invisibilizados pelas políticas educacionais”. (Nunes, 2000).

Nossa pesquisa se propõe, então, tratar da inserção desse pessoal de apoio da escola, entenda-se dos profissionais não-docentes, diante da função e natureza do processo educativo escolar. Propomos aqui buscar compreender o trabalho de tais profissionais dentro da escola, buscando desvelar a implicância de suas práticas, já sabemos de caráter educativo, dentro do processo educativo. Além disso, procuramos destacar as múltiplas relações que se estabelecem entre os funcionários de apoio da escola, buscando destacar, de certa forma, o caráter organizacional da escola. Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2003), este destaque à cultura organizacional (...) das escolas

“significa buscar a relação das práticas culturais dos indivíduos e sua subjetividade com sua influência nas formas de organização e de gestão escolar. Se determinada organização tem como uma de suas características básicas a relação interpessoal, tendo em vista a realização de objetivos comuns, torna-se relevante considerar a subjetividade dos indivíduos e o papel da cultura em determiná-la”. (p. 319)

Assim, buscamos considerar em nossas análises o quanto a subjetividade, como discorrido no início do capítulo, constituiu os caminhos que as relações intersubjetivas e profissionais tomam dentro da escola.

A mola propulsora para a formulação da temática desta pesquisa e o interesse na ampliação do conhecer o universo escolar, foram as vivências profissionais dentro deste campo de tantas questões e problemáticas: a escola. Tais vivências, inclusive na relação com estes chamados profissionais de apoio, quase sempre maioria dentro da escola¹, norteadas pelo

¹ Não existe um número expressivo de pesquisas sobre os funcionários das escolas, mas uma pesquisa recente, encomendada pela CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, trouxe reflexões sobre os

objeto. Assim, definindo como objeto de nossa investigação, os funcionários de apoio inseridos no processo educativo da escola, entendemos que, os recursos metodológicos devem ser fundamentalmente qualitativos, assumindo como universo investigativo o de “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (Minayo, 1999, 21-22). Tudo isso, porque é a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais o que move o processo de conhecimento no campo das ciências sociais, tendo como pressuposto, de acordo com Minayo (1999), que as “sociedades humanas existem num determinado espaço, num determinado tempo, que os grupos sociais que as constituem são mutáveis e que tudo, instituições, leis, visões de mundo, são provisórios, passageiros, estão em constante dinamismo, e potencialmente tudo pode ser transformado” (p.20).

Com essa perspectiva, adotamos como procedimentos metodológicos entrevistas individuais e relatos de experiências. Na pesquisa qualitativa a entrevista caracteriza-se como um instrumento importante por possibilitar a produção de conteúdos fornecidos diretamente pelos sujeitos envolvidos no processo – materiais que tanto podem ser objetivos quanto subjetivos. Dessa forma, a entrevista como fonte de informações pode fornecer dados primários e secundários e ser estruturada de formas diversas e variadas, tais como a sondagem de opinião com questionário fechado, a entrevista semi-estruturada, a entrevista aberta, a entrevista não diretiva, a entrevista centrada (Minayo, 1999). Em nosso processo investigativo utilizamos a forma estruturada (com perguntas previamente formuladas), combinando perguntas fechadas e abertas, com o objetivo de possibilitar ao sujeito a oportunidade de se pronunciar sobre a temática em questão.

Assim, foram realizadas entrevistas com professores, funcionários de apoio e crianças de escolas públicas, estaduais e municipais, e uma escola particular, com questões previamente dirigidas, buscando investigar a visão que os sujeitos entrevistados têm acerca da função do profissional de apoio no processo institucional da escola.

Primeiramente estabelecemos um roteiro para as entrevistas, o qual foi sendo elaborado ao longo do tempo em que fomos tomando contato com diversas literaturas que tratam desta temática, as quais elucidaram melhor o que deveria ser precisamente investigado com as entrevistas. O roteiro seguiu três momentos: um primeiro com o perfil do entrevistado; um segundo tratando da organização do seu trabalho (o sentido do trabalho) e das relações intersubjetivas; e um último quando foi aberto espaço para o relato de algum fato que diz respeito às questões tratadas. Todas as entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho. Esse critério foi adotado por ter sido muito difícil conciliar um horário além dos limites do expediente profissional para realizar as entrevistas, mas também por considerarmos o ambiente de trabalho o local mais apropriado para que os entrevistados falassem sobre suas atividades, suas experiências, seus conhecimentos, tendo em vista que a entrevista “não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa”. (Minayo, 1999, 57).

Através dos dados coletados nas entrevistas, relacionando-os com as bibliografias levantadas e estudadas, foram criadas algumas categorias de análise que nos permitiu compreender melhor muitas falas encontradas na pesquisa de campo (entrevistas). A apresentação, bem como a discussão acerca destas categorias de análise serão apresentadas no capítulo que se segue.

CAPÍTULO II– Vozes e imagens... Intersubjetividade nas relações escolares

Neste segundo capítulo pretendemos dar voz aos próprios atores atuantes na escola, apresentando algumas das falas encontradas nas entrevistas, as quais possibilitaram a criação de algumas categorias para analisá-las. Com isso, estaremos dando vazão ao nosso objetivo de investigar as relações intersubjetivas entre equipes de especialistas, docentes e funcionários de apoio. Dentre múltiplas percepções de quais seriam as funções e atribuições da equipe de apoio na escola, docentes, educandos e funcionários de apoio falam de guerra e paz nas relações dentro da escola. São essas vozes que ecoarão neste capítulo.

Iniciaremos a apresentação dos dados coletados nas entrevistas feitas com os próprios funcionários de apoio, buscando pensar como é que a dimensão educacional do seu trabalho é percebida, captada por eles mesmos, e quais as motivações pessoais e profissionais que os mantêm em suas respectivas funções. As perguntas dirigidas especificamente a este primeiro grupo de entrevistados foram estruturadas pensando justamente em procurar enxergar, até mesmo nas entre linhas, qual o nível de envolvimento destes profissionais, de modo consciente, e qual o comprometimento com o aspecto educativo de sua função na escola. Explanaremos aqui cada uma das quatro questões da entrevista² com os funcionários de apoio, analisando os grupos de respostas dadas em cada uma delas. Antes, porém, não há como prosseguir sem fazer uma ressalva, essa diz do fato de todos os entrevistados serem mulheres. Este fato não se deu por nossa opção, ou fez parte de qualquer tipo de critério preestabelecido,

apenas deve-se por que entre os funcionários de apoio, a maioria gritante é de mulheres. Por essa questão mesma, tendo-se feito tal ressalva, podemos daqui para frente referirmo-nos à estes sujeitos entrevistados, dentro do grupo funcionários de apoio e docentes, remetendo-nos ao artigo feminino. Este simples cuidado de não se utilizar de referencias masculinos a um grupo maciçamente de mulheres, parte da crítica à polarização dos sexos em nossa sociedade, na qual subjuga-se a categoria feminina, sob a égide do patriarcalismo retrógrado e preconceituoso. Dito isto, vamos à análise das falas das entrevistadas.

Dentre as entrevistadas deste primeiro grupo estavam monitoras, escriturárias, ajudantes gerais e cozinheiras. A primeira questão da entrevista referia-se às funções desempenhadas na escola pelas funcionárias de apoio, quais seriam e se alguma destas funções realizadas não era auto-identificada como sua mesmo.

As repostas variaram dentro de dois grupos principais: aquele que relacionou de alguma forma sua função com a vida das crianças dentro da escola e outro grupo que, ilhando sua função em si mesma, não relacionava propriamente com as crianças.

No primeiro grupo temos as monitoras fazendo referência à sua função como o cuidado à criança nos momentos fora da sala de aula e no assessoramento ao trabalho pedagógico do professor, como separar materiais e rodar matrizes no mimeógrafo, dentre as escriturárias, apenas algumas relacionaram seu trabalho com o atendimento aos alunos, como no caso das cozinheiras que um pequeno número afirmou ser sua função preparar os alimentos para as crianças. A outra parte de respostas das cozinheiras e escriturárias deram respostas diretas, as quais poderiam ser vistas como indiferente de estarem dentro da escola, sendo uma função que poderia ser realizada do mesmo modo em qualquer outro ambiente de trabalho, esta

² Vide as questões das entrevistas em anexo, no final do trabalho.

análise partiu de algumas respostas como “*sou assessora parlamentar*”, “*minha função é cozinhar*”, “*trabalho com a parte administrativa*”, as quais poderiam ser encontradas em empresas que em nada se aproximam com o trabalho dentro da escola, por sua natureza educativa. Compreender a natureza do processo educativo da escola implica numa consciência própria de sua função desempenhada, seja qual seja ela, dentro da escola. A consciência do trabalho feito dirigido à criança, à sua educação, no sentido em que nos coloca Freire, dá outras dimensões ao trabalho do funcionário de apoio dentro da escola, dimensões estas diferenciadoras do nível de comprometimento destas funcionárias com o trabalho da/na escola.

Quanto ao desempenho de funções com as quais não são consideradas suas, a grande maioria das funcionárias entrevistadas alegaram desempenhar algum tipo de função que não é sua, o que talvez possa ser analisado tanto pelo âmbito da falta de funcionários na escola, quanto a “*exploração*” destas funcionárias pelo corpo administrativo da escola, sobrecarregando certos funcionários sem considerar o peso dessa sobrecarga para a motivação do trabalho destes. Uma das entrevistadas, respondeu esta primeira questão nos seguintes termos:

“Toda parte de escrituração da Unidade e da vida escolar dos alunos. Considero que não seja minha função, dentre muitas/; resolver problemas de alunos doentes, de disciplina, retirar da sala; atender pais reivindicando atitudes do diretor; tomar decisões em assunto de emergência; e de certa forma se responsabilizar pela escola em grandes períodos de ausência de diretor e O.P.” (Escrituraria de escola pública, 32a).

Após reler o que escreveu a funcionária acrescenta apertando as letras no pequeno espaço que lhe restava: *“tomar atitude de chefia com outros funcionários”*. A relação dos serviços prestados na escola que não são auto-identificados pela funcionária entrevistada como parte de sua função pareceu-nos ser posto como uma denúncia, como uma voz que, no silêncio das linhas escritas e no anonimato a que se propunha a entrevista, sentiu-se acolhida para gritar as verdades justas e injustas vivenciadas cotidianamente pela escrituraria. De fato, o acúmulo de funções se fez sentir em muitas vozes como uma denúncia que não poderia ser feita de outro modo nem para mais ninguém, coube àquele momento da entrevista, onde foi dada voz às funcionárias de apoio, reclamar dos direitos negados e da exploração no trabalho sofrida.

Na segunda questão da entrevista, as entrevistadas foram indagadas acerca da relação entre sua função desempenhada e o papel educador da escola. As respostas a esta questão podem ser consideradas como o cerne de interesse da entrevista, pois a indagação central da pesquisa em si diz dessa inserção do pessoal de apoio no processo educativo da instituição escolar, de modo que, muito mais do que apenas comentar e apontar grupos de respostas, se faz mister transcrevermos algumas das falas que sintetizam as vozes de todas as demais entrevistadas. Iniciemos pela categoria de respostas que vêm na função do pessoal de apoio um caráter educativo, seja ele estritamente ligado à função desempenhada, ou relacionado à vivência de trocas humanas, no educar-se em comunhão.

“Procurro através do diálogo educar as crianças. Tento mostrá-las o certo e o errado dentro da nossa sociedade, para que assim possam se relacionar melhor com as pessoas dentro e fora da escola.” (Monitora de escola pública, 27a)

“Por enquanto não me envolvi³. Às vezes na fila, vejo algumas crianças fazendo alguma coisa e me posiciono, mas tem as monitoras. Também sou educadora, preparo os alimentos com carinho, a alimentação de uma criança é muito importante.” (Cozinheira de escola pública, 41a)

“As duas funções (referindo-se à prática docente e à função de cozinheira) é importante e necessária dentro da escola. O único envolvimento que eu vejo é a disciplina no momento de comer, porque tem que fazer fila e não aceito bagunça.” (Cozinheira de escola particular, 38a)

Seja através de uma palavra, de uma repreensão ou um gesto de carinho no preparo dos alimentos, estas falas mostram muito mais do que gestos ou atitudes comprometidos com o educar no ambiente escolar, pois falam de um reconhecimento de si mesmas, algumas mais claramente, outras de modo implícito como educadoras. O ato consciente do diálogo intencionando o preparo para o convívio em sociedade diz muito de uma relação não apenas educadora, mas de respeito e amor. Educar no diálogo é muito mais do que um gesto meramente profissional de uma monitora, trata-se aqui de um nível de comprometimento com a natureza educativa de seu ambiente de trabalho que faz da intersubjetividade o meio educador primeiro nessas relações. Ainda que num gesto que nos soe “autoritário”, até mesmo o gesto da cozinheira na repreensão das “bagunças” no momento de comer, constitui-se num momento de trocas educadoras, pois há de se considerar que cada qual, educado em seu núcleo familiar, em seu grupo social, em sua época e cultura, traz um pouco de si nas relações educativas, educa-se

³ A entrevistada está a apenas um mês nesta função dentro da escola.

e se é educado sem desprender-se de quem somos ou estamos sendo. Esta relação de trocas subjetivas não fazem-se, porém, conflituosas desde que o respeito, como no caso do diálogo praticado pela monitora, faça-se primazia nesta relação.

Outras entrevistadas referiram-se também ao gesto de carinho ou amor na realização de suas funções, como na fala da cozinheira, o que também não deixa de ser um ato educador, já que o fazer pelo outro dando o melhor de si educa para relações mais fraternas e humanas, tão carentes no universo individualista infundido pelo sistema capitalista, e que podem ser sentidos pelos educandos ao relacionar-se com os funcionários da escola.

Gestos, atitudes, exemplos, a comida servida, o local onde se alimentam, convivem, brincam, tudo no universo escolar educa, explícita ou implicitamente, o fato é que reconhecer o caráter educador deste ambiente e de cada tomada atitude dentro dele, faz da função de cada funcionário de apoio um ato político consciente que deve ser ponderado e evidenciado à todos os setores sociais, inclusive os governamentais que ainda não tomaram – ou não – consciência disso tudo.

As fala de outras entrevistadas também denunciam, em contraponto às falas trazidas anteriormente, este não reconhecimento do caráter educador das funções dos funcionários de apoio, no caso um não reconhecimento desta própria categoria de trabalhadores da educação. Uma das entrevistadas, deparadas com a mesma segunda questão da entrevista respondeu:

“Não tem.” (Ajudante Geral de escola pública, 34a)

Nem uma palavra a mais, nem um comentário mais relevante, o impacto destas duas únicas palavras nas inúmeras linhas oferecidas para a entrevistada dissertar sobre a questão, nos impeliram a transcreve-las. “*Não tem.*”, a resposta pontual e direta parece não só responder à ausência de relação entre a função desempenhada e o papel educador da escola, mas vetar qualquer possibilidade de relação que possa se colocar como controvérsia. A não compreensão de seu gesto educador ao limpar a escola e oferecer um ambiente mais digno (ou menos indigno, de acordo com as degradantes situações em que se encontram as escolas públicas) à crianças, nos remete à uma insatisfação subjetiva e profissional, vista não só na fala desta funcionária de serviços gerais, mas em muitas outras. Há de se pensar também nas motivações pessoais que levam cada um a trabalhar como funcionário de apoio, esta, porém, será uma questão discutida um pouco mais adiante. Prossigamos, então, “ouvindo” mais uma fala, representante de tantas outras entrevistadas:

“São funções diferentes, embora sejam trabalhadas no mesmo ambiente (escola). Não vejo meu trabalho envolvido com as práticas pedagógicas.”
(Escrituraria de escola particular, 26a)

A isenção de envolvimento com a prática pedagógica, dicotomizando os fazeres na escola, parece representar uma outra compreensão do papel educador dos funcionários de apoio. Encontrada na fala de outras entrevistadas, esse isolamento da escola em departamentos independentes entre si, nos parece talvez uma visão ingênua da própria instituição escola, da natureza do processo educativo escolar. Exercer uma função dentro da escola esperando apenas um cumprimento de funções específicas, relegando exclusivamente à sala de aula e ao professor

o papel educador da escola, mostra não apenas uma visão particularizada de algumas entrevistadas, mas o reflexo de uma cultura de conceitos conteudistas de educação, a ser desconstruída, dando lugar à visão holística de educação, uma educação emancipatória, para a autonomia e o respeito mútuo.

Na terceira questão da entrevista, indagamos acerca da relação entre os funcionários de apoio da escola entre si e entre os demais funcionários. As respostas foram desde as mais omissas, respondendo sinteticamente que o relacionamento é bom, até as mais complexas que trouxeram vários pontos a serem discutidos, alguns, concernentes aos objetivos diretos da pesquisa, outros pontos que extrapolam nossas intenções primeiras, mas que ainda sim, não poderiam deixar de ser trazidos.

Algumas falas denunciam mais claramente o que muitas outras entrevistadas trouxeram de diversos modos. Dentre elas, estariam:

“Os funcionários que tem o cargo melhor se relacionam bem entre eles, da mesma forma os que tem cargo menor também se relaciona bem entre eles, mas quando há relacionamento entre os funcionários dos dois graus de cargo surge a discriminação, a inferioridade” (Ajudante Geral de escola pública 43a)

“A minha relação com o pessoal de apoio é ótima somente com a parte administrativa que é muito distante, não á envolvimento com a gente” (Cozinheira de escola particular, 38a).

“Não tenho o que reclamar. Vejo que todos colaboram. Os demais funcionários tem pouco contato, as vezes vêm na cozinha, pede favores, fazemos. Não conheço todos por nome, sou nova ainda. Poderiam se relacionar melhor, mas cada um desempenha sua função para um lado, não dá tempo para se relacionar melhor.” (Cozinheira de escola pública, 41a).

Temos aí três vozes apontando para aspectos fundamentais sobre a escola. A primeira delas nos remete à um ponto nevrálgico em nossa discussão acerca da inserção do funcionário de apoio na/da escola, pois trata das relações de poder que se estabelecem dentro desta e que, em muito, são responsáveis pelo sentimento de não pertencimento destes funcionários em relação ao papel educador de suas funções exercidas. Logo, o sentimento de inferioridade pela função desempenhada, como é o caso da ajudante geral, decorre de um sistema que privilegia determinadas funções, as que exigem maiores graus de escolaridade, em detrimento de outras, ignorando a relação de interdependência que faz com que todas as funções na escola sejam essenciais em igual medida, todas confluindo no objetivo primordial da escola: educação do educando. Estas relações que acontecem na escola são reflexos do sistema social muito mais amplo, de modo que as relações trabalhistas fora da escola se encontram também dentro dela, é o universo de contradições que faz da escola tanto um aparelho ideológico do Estado, como um dia definiu Althusser, como um meio de resistência, uma tentativa de fazer diferente aos que virão depois de nós, como um dia poetizou Bertold Brecht.

O sentimento que é denunciado na fala desta entrevistada esclarece o não reconhecimento do papel educador dos funcionários por parte delas mesmas, bem como mostra o quanto a insatisfação com sua função, talvez mesmo por causa do status a ela atribuído, gera

este não reconhecimento, bem como, te' mesmo, a possibilidade de um descomprometimento com seu papel educador, ainda que se tenha consciência dele.

A fala seguinte denuncia a mesma relação de poder que há dentro da escola, mas dessa vez apontando a relação com o grupo administrativo. A distância entre os serviços de atendimento mais próximos ao aluno, como a cozinha, ou o de manutenção da escola, como o almoxarifado, em relação à “ala” da diretoria e secretaria, já demonstra um pouco, nas vozes do próprio espaço arquitetônico, a retrógrada, mais ainda usual, hierarquização das relações. A falta de contato com a parte administrativa da escola, a qual entende-se também a diretoria, mostra o quanto a problemática não está apenas no não reconhecimento dos próprios funcionários de apoio de seus papéis educadores, mas como lhes são furtados muitas vezes a oportunidades de estarem sentindo-se parte deste processo educativo escolar, sendo “úteis” não apenas nas execuções de tarefas ordenadas, mas sugerindo e participando democraticamente de todo esse processo.

Já na terceira fala transcrita acima, não só relações de poder estão subjacentes, como a própria organização constituída na escola que não possibilita o estreitamento e as trocas entre todos os funcionários. Essa dicotomização de “setores” e “funções” dentro da escola, faz parte das inúmeras gestões antidemocráticas das escolas, nas quais não há o menor interesse na consolidação do coletivo, nem sua integração para a tomada de decisões, cabendo estas, hierarquicamente, em geral, à direção da escola. Essa não abertura de um espaço de formação do coletivo na escola também contribuí por demais para que, tantos os funcionários de apoio não vejam relação de seu trabalho com a função educativa d escola, como os demais segmentos da escola não percebam criticamente esta relação.

Partindo para a última pergunta da entrevista das funcionárias de apoio, teremos elementos de falar ainda de alguns elementos importantes para a discussão, os quais dizem

sobre fatores que influenciam na percepção destes profissionais aqui investigados, a formação, os salários e os ideais e motivações pessoais. Pudemos observar neste momento da entrevista que a maioria quase exclusiva das entrevistadas que responderam anteriormente não haver relação entre sua função e o papel educativo da escola, afirmaram estar em suas funções ora por falta de opção e ora por ser funções que correspondem aos baixos níveis de escolaridade, tal como podemos ver na seguinte fala:

“Estou nesta função porque é a única disponível pelo meu grau de escolaridade.” (Servente de escola pública, 35a)

Por outro lado, dentro do grupo que afirmara haver um caráter educativo em suas funções, as motivações são bem mais variadas:

“O convívio com as crianças, bem como o carinho que recebo delas. O fato de saber que posso contribuir para a educação destas crianças. A troca de conhecimentos e experiências, pois aprendemos muitas coisas com as crianças.” (Monitora de escola pública 27a)

“Adoro cozinhar, isso para mim já seria o suficiente, como tenho que trabalhar para ter um salário fixo, nada melhor do que fazer o que gosto e ter remuneração por isso.” (Cozinheira de escola particular, 38a)

“Gosto muito de crianças. Acredito no amor; sinto ser mãe deles, amiga.”

(Monitora de escola pública, 45a)

“Gostaria de ser nutricionista, gosto de cozinhar. Quero fazer nutrição. Acho importante saber sobre alimentos. Estou neste cargo porque gosto.”

(Cozinheira de escola pública, 37a)

Vemos nas quatro declarações motivações que perpassam o campo profissional bem como realizações pessoais. Cada uma delas vem carregada de um certo sentido, um ideal, como na primeira fala, motivada amplamente pelas possibilidades educadoras de sua função exercida, ou como a última fala, em que a motivação é a busca por sua formação como realização pessoal mesmo, por isso a satisfação que se relaciona por esta sua busca. As duas outras falas apontam para a realização pessoal como motivadora fundamental para o exercício da função, uma impulsionada pela carga afetiva em relação às crianças e outra impelida pela auto realização em fazer algo que gosta muito e ainda ser remunerada por isso.

Não há como se negar que as motivações (ou desmotivações) que levam ao exercício da função de funcionário de apoio, seja qual for ela, está de algum modo ligado com o nível de comprometimento com o papel educador destes profissionais. Talvez políticas públicas que favorecessem a valorização destes profissionais da educação, bem como cursos de formação e aperfeiçoamento, serviriam como novos motivadores e, logo, como possibilidades para que se assuma o efetivo caráter educativo de qualquer função dentro da escola. Esta, porém, é uma outra discussão a ser tratada mais enfaticamente apenas no próximo capítulo.

Passemos, então, a analisar, através das entrevistas com educandos e educadoras, a visão que se tem dos funcionários de apoio sobre outras perspectivas, que não a deles mesmos.

Nas entrevistas realizadas com as crianças, indagamos acerca de quem são as pessoas que trabalham na escola, sobre a relação dos funcionários de apoio com as crianças e a opinião dos entrevistados acerca da importância do trabalho destes funcionários na escola. As respostas nos forneceram elementos de análise bem diferentes daqueles das entrevistas referidas anteriormente, isso não em função dos pontos levantados, os quais se aproximaram muitas vezes de outros já discutidos aqui, mas no modo como as respostas foram dadas e tivemos de analisá-las. Assim, as relações que acontecem dentro da escola e a percepção destes funcionários de apoio pelas crianças foram postos de um modo muito mais implícito.

Um dos aspectos que puderam ser levantados com as entrevistas é em relação ao reconhecimento de figuras centrais na/da escola, já que em alguns casos a figura de certos funcionários não aparecia na relação das pessoas que trabalham na escola, na mesma medida em que outros apareceram em todas as respostas, o que talvez revele uma não compreensão da importância de todas as funções e a relação de interdependência entre elas. Vejamos algumas falas selecionadas para representar todas as vozes e que nos permitirão adentrarmos em mais outras discussões além dessa:

“Monitoras cuidam dos alunos. Diretora manda nos alunos. Cordenadora cordena a escola. As professoras ensinam os alunos e as merendeiras alimentam os alunos.” (8a, 2ª série de escola pública)

“Janete minha professor e outras professoras

Kátia- diretora, Aline- cordenadora

Tânia, Lourdes, Sandra e outras- monitoras

Tem também cozinheiras, secretárias e faxineiras.”

(7a, 1ª série de escola pública)

“Diretor, fala para não correr. Merendeira, faz a merenda. Secretária ajuda o diretor. Professor dá aulas ao aluno. Servente limpa a escola” (9a, Ciclo I-final de escola particular)

“A monitora: Ela ajuda a gente, orienta se a gente perguntar e ajuda se a gente machucar. Merendeira: Ela fica na cozinha faz a merenda da gente. Servente: Elas limpam a nossa escola e todos os lugares. Professora: É ela que nos ensina passa lição na lousa explica a lição e nos dá provas para fazer. Diretora: É ela que dirige a escola que vê se tem vaga para o aluno. Secretária: Ela liga para as mães se a gente fica com dor de cabeça e etc ela que tem as pastas e recebe os telefones.” (9a, 3ª série de escola pública)

Em todas as falas percebemos a presença do professor e da direção (coordenador ou diretor), a representatividade de cada figura para as crianças, acreditamos estar na mistificação da escola como a transmissora de saberes, onde se aprende, por isso o professor em todas as falas, do mesmo modo a figura do diretor como dono da escola, o que “*manda nos alunos*” e “*fala pra não correr*”. Na simplicidade e honestidade da fala das crianças mais uma vez sobleva-se

as relações de poder e a hierarquização das relações na escola, bem como já denunciavam as falas das funcionárias de apoio entrevistadas. Outro ponto a se discutir é a ausência da figura de alguns funcionários de apoio em algumas falas, que pode ser compreendido da mesma forma que a presença da figura do diretor ou do coordenador se faz unânime.

Aponta-se também nestas falas os diferentes papéis entre o professor que ensina, o diretor que manda e os funcionários de apoio que aparecem ora na função do cuidado da criança, numa relação até mesmo mais humana de ajuda e cuidado, ora numa função que parece meio distante desta, *“a servente limpa”*, *“a cozinheira faz comida”*, *“a secretária ajuda o diretor”*, não demonstrando a mesma proximidade de outras falas.

De qualquer forma, mis afetivamente e próximo ou cuidando apenas de sua função, todas as entrevistas declararam haver uma relação muito entre os funcionários de apoio e as crianças. Todas relatam serem tratadas bem ou com carinho, de qualquer modo, as falas das crianças neste segundo ponto da entrevista transmitem um sentimento de apoio e segurança, de proteção dos funcionários de apoio pelas crianças. Este mesmo sentimento é expresso na terceira pergunta, quando as crianças são indagadas acerca da importância do trabalho dos funcionários de apoio na escola, como podemos “ouvir” nas seguintes vozes:

“Eu acho importante porque eles podem ajudar no aprendizado dos alunos, acabar com a bagunça da escola e punir de forma justa os alunos malcriados.” (7a, 2ª série de escola pública)

“Sim, porque sem as serventes a escola ficaria suja, sem a merendeira, ficaríamos sem merenda, sem o coordenador e a ajudante de coordenador, a escola ficaria sem regras, sem as secretárias, ninguém poderia estudar na escola nem tirar dúvidas, etc.” (9a, Ciclo II- 3º ano de escola particular)

“Sim, porque eles nos ensinam o que é o certo e o errado. E nos dá muito carinho.” (11a, 4ª série de escola pública)

“Sim, porque tem outras coisas importantes a fazer na escola.” (7a, 1ª série de escola pública)

As falas são unânimes quando se trata de reconhecer a importância do trabalho dos funcionários de apoio dentro da escola, cada uma das transcrições acima dizem de um reconhecimento das crianças de que elas aprendem algo mais na escola, algo mais além da sala de aula. É como a criança coloca, na última fala, essas *“outras coisas importantes”* fazem menção à outras coisas diferentemente do que é feito dentro da sala de aula, cada uma das diferentes funções são importantes como descreve a segunda fala, para o bom funcionamento da escola. A percepção do papel educador dos funcionários de apoio fica ainda mais evidente na primeira e na penúltima fala, quando a importância é atribuída à ajuda e ao cuidado, sempre próximo das crianças, o revela muito do educar-se uns aos outros, no modo como se relacionam e no modo como desempenham suas funções, aprende-se sempre na relação com o outro, sobretudo dentro

da escola, ambiente terminantemente educador, a aprendizagem aqui não se restringe à sala de aula e as crianças parecem saber disso melhor do que ninguém.

Resta-nos aqui trazer a contribuição das entrevistas realizadas com as educadoras, acrescentando novas discussões dentre as muitas já feitas aqui. Nas entrevistas em questão, foram problematizadas com as professoras acerca das influências do trabalho dos funcionários de apoio no trabalho pedagógico e da relação dos funcionários de apoio entre si e entre as professoras. Além disso, abrimos um espaço para o relato de casos vivenciados, demonstrando as influências do trabalho destes funcionários no trabalho docente. Dentre as falas diversas podemos apontar alguns grupos de respostas. Um primeiro seria representado pela idéia de que a atuação dos funcionários de apoio ajuda no trabalho pedagógico:

“Na escola em que atuo, todos (inclusive funcionários) estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Ex: Quando desenvolvemos atividades no parque aquático, as merendeiras entram em contato com cada profº para servir a merenda antecipadamente. As auxiliares de serviços gerais (serventes); conciliam seus deveres, conforme o plano docente do profº (limpeza dos ambientes que estaremos utilizando, materiais necessários, alunos doentes)” (33a, professora de escola particular)

Outras falas relatavam da ajuda prestada por estes funcionários em situações diversas, alegando sempre terem sido atendidas com boa vontade. Essa integração do trabalho docente e as demais funções desempenhadas na escola, como aparece na fala transcrita, parecem refletir um encontro comum de interesses: o aluno. É certo que este tipo de atuação

coletiva depende em muito do tipo de gestão da escola, se esta possibilita ou não essa comunicação e se ela mesmo promove uma determinada organização escolar que valorize a interdependência de todos os setores da escola.

Um outro grupo de respostas apontou essa influência positiva do trabalho dos funcionários de apoio, mas apontou também que o contrário também acontece. Muitas se referiram ao nível de comprometimento de cada funcionário e outras à importância da realização pessoal para a realização de um trabalho bem feito:

“Positivamente: quando gostam do que fazem e tratam bem os alunos, pais e professores.

Negativamente: quando não gostam do que fazem.” (40a, professora de escola pública)

Houve respostas ainda que foram utilizadas como forma de protesto em relação às condições do trabalho do professor. Uma delas, que bem representa este grupo de respostas, denuncia o descompromisso de muitos funcionários, fechados em seu “grupo” segmentado de trabalho, e a sobrecarga do professor que assume todas as responsabilidades pelos alunos, sentindo-se sozinho em sua função:

“Dentro da minha visão de escola como professora, a escola que trabalho possui vários grupos distintos: ‘as merendeiras’, ‘as inspetoras’, ‘as serventes’, ‘as professoras’, etc. Isto influencia negativamente porque o aluno

é sempre do professor! Se resolverem não fazer a merenda ou faltar todas as serventes, a escola que “se vire” como pode.” (42a, professora de escola pública)

Esse mesmo grupo de respostas que denunciam a situação do professor, foi encontrado também na questão que se refere à relação dos funcionários de apoio entre si e entre os professores. Nele uma das entrevistas relata:

“O professor é visto como um ‘estrangeiro’, e depende sempre da boa vontade dos funcionários. Ex: se uma inspetora sai de licença, as outras faltam porque acham que estão trabalhando demais.” (42a, professora de escola pública)

o

Esta fala implica na relação entre bom relacionamento e a realização cada qual de sua função. A influência de uma função sobre a outra gera certo desconforto quando uma das funções não é cumprida adequadamente, o que certamente implica no bom ou mau relacionamento entre todos os funcionários da escola, é como coloca uma outra professora:

“O relacionamento é bom, mas falta conscientização quanto a realizar cada um a sua função, para o bom andamento escolar.” (36a, professora de escola pública)

Nos relatos de caso é interessante constatar que a maioria relatou algum fato em que a ação do funcionário de apoio aparece negativamente. Alguns apontaram o apoio e respaldo que recebem destes funcionários em atividades diversas na sala de aula, porém, até mesmo entrevistadas que haviam apontado anteriormente ser positiva a influência do trabalho destes funcionários, relataram fatos de aspectos negativos desta relação:

Quando se prepara alguma atividade para antes das 8 hs fica difícil achar um funcionário disponível ou com a 'chave' para pegar material da atividade."

(39a, professora de escola pública)

"Algumas vezes pedia algum tipo de material e muitas vezes não vinha."

(28a, professora de escola pública)

"Quando trabalho o cardápio do dia, muitas vezes fico sem saber qual é, pois a má vontade é tanta que a merendeira da escola estadual onde trabalho se nega a fornecer este tipo de informação. Quanto à limpeza da sala, no início do período nossa sala está sempre suja e desorganizada, levamos em média 30 minutos para coloca-la em ordem e criar um ambiente bom." (35a, professora de escola pública)

É possível notar como o trabalho do professor depende, também, do trabalho de muitos outros funcionários. Essa tensão criada entre professores e funcionários de apoio deve ser vista não apenas como uma cobrança acerca do descompromisso, ou a má vontade de uns para com os outros. As professoras revelaram reconhecer a importância e, de certa forma, o papel educador dos funcionários de apoio, no entanto, esta cobrança estendida a estes não basta para esgotar o problema em si mesmo, há coisas muito além disso. Pensamos ser imprescindível olhar também toda a situação ideológica, política e até mesmo histórico filosófica que perpassa a constituição das relações intersubjetivas dentro da escola. Os conflitos são gerados muito mais pela desestruturação da política educacional pública e escolar, do que propriamente por má intenções pessoais dos trabalhadores da educação.

São muitos os caminhos a serem percorridos na direção de se elucidar tais conflitos, a problemática da inserção dos funcionários de apoio da/na escola não se esgota com o que os atores deste palco pensam, sabe ou criticam sobre tal inserção, alguns pressupostos e propostas fazem-se fundamentais e são estas as motivações do próximo capítulo.

CAPÍTULO III – Perspectivas e propostas para um efetivo reconhecimento dos funcionários de apoio como educadores da/na escola

Apresentada e discutida a problemática da inserção do funcionário de apoio na/da escola, embasada e enriquecida pelas literaturas pesquisadas e pela exímia contribuição das entrevistas, cabe-nos aqui, por fim, trazer à luz algumas perspectivas e propostas configuradas, aos poucos, durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa. Ressalva-se que tais perspectivas e propostas não se fazem no intuito de esgotar-se em si mesmas ou elucidar totalmente a questão aqui em voga, mas servir como propulsoras de outras reflexões e contribuições sobre a mesma.

Na proposição de tais perspectivas e propostas, algumas vezes far-se-á necessário retomar alguns pontos discutidos ao longo do trabalho, objetivando ampliar ainda mais a discussão acerca do papel educador do funcionário de apoio. Iniciemos tal discussão ressaltando a questão da ressignificação do espaço escolar, para além das paredes da sala de aula e da mera transmissão de conteúdos, como vem acontecendo na última década, o que pressupõe uma escola como lugar estreitamente ligado com os direitos sociais e contextualizado ao meio e ao tempo presente em que se insere, centrando seus objetivos precípuos na formação para a autonomia e a cooperação, além da aquisição dos conhecimentos construídos historicamente pela humanidade. Entretanto, proposta pela Lei de Diretrizes e Bases (9394/96) em seu artigo primeiro, essa nova concepção de educação como processo abrangente, voltado à formação

global do indivíduo, vinculada ao mundo do trabalho e à prática social, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática, é ainda uma conquista a ser alcançada.

Diante da emersão deste novo cenário escolar que se configura, todos os seus atores passam a possuir reconhecidamente um papel educador, de modo que merendeiras precisam, também, cuidar de educação alimentar, bibliotecários, ajudar na construção do hábito da leitura e da educação literária, secretários devem colaborar com o processo avaliativo do ensino e da aprendizagem, o que se configura a necessidade da instituição de novas identidades funcionais. A consciência do papel de educador destes funcionários de apoio perpassa, necessariamente, a construção de novas identidades profissionais, ou seja, sua profissionalização por meio de formação inicial e continuada, tal como os professores. Assim, apenas essa consciência do papel educador, ainda que imprescindível, por si só, não é suficiente para valorização dos funcionários de apoio. O pilar deste processo de valorização destes trabalhadores em educação – funcionário de apoio e a construção das novas identidades pressupõe uma formação profissional sólida, diligente e especializada, que fortaleça uma atuação educativa competente e transformadora destes funcionários, dentro e fora do contexto escolar. É preciso pois, profissionalizar, o que implica, além da formação profissional, na implementação de uma política salarial justa, na instituição de uma carreira, bem como na jornada e condições de trabalho adequadas.

Essa, porém, é uma luta a ser ainda abraçada por todos os engajados com a questão da educação, já que, em tempos de neoliberalismo desenfreado, os funcionários de apoio são muitas vezes tratados como descartáveis e com grande descaso, como denuncia Cleide (2004):

"[os funcionários de apoio]... têm salário indigno, atuam em condições físicas sucateadas, dispõem de poucos recursos para incorporar saberes, condição inerente também aos professores, e o financiamento público da educação é algo que atormenta os gestores públicos

e estudiosos da área... Difícil imaginar qual futuro está reservado ao batalhão de funcionários de escolas públicas diante das ameaças de terceirização, de inovações gerenciais que desqualificam funções, do gigantesco fosso que separa demandas urgentes e inadiáveis do que é disponível para investimentos”.

Assim, sem a implementação de políticas públicas para a profissionalização dos funcionários de apoio, bem como a execução daquelas já obtidas, a muito custo e esforço, a partir de iniciativas de sindicatos filiados à Confederação Nacional de Trabalhadores da Educação (CNTE), “os trabalhadores de escolas públicas, um contingente de 1 milhão de pessoas, sempre estiveram à margem do processo de melhoria do ensino público, sem considerar aqui conquistas e derrotas com as quais nos deparamos hoje, a eles relegado o papel de meros coadjuvantes do ambiente escolar”. (idem, 2004).

A desvalorização dos trabalhadores de escolas públicas é uma realidade, começando desde as relações que se dão dentro da escola, até o tratamento político educacional dado a eles. No entanto, iniciativas não deixam de ser investidas em diversos pontos do país, concorrendo para que os chamados funcionários de apoio encontrem respaldo para a luta pela profissionalização. Uma dessas iniciativas dizem respeito à incorporação destes funcionários no sindicato dos professores, visando a unificação dos diversos profissionais de educação numa só entidade, o que já ocorre em alguns estados do país. Conquistar a sindicalização, meio pela qual as reivindicações salariais e planos de carreira de diversas categorias foram pauta e tornaram-se compromissos de administrações públicas, possibilitou uma representação efetiva para funcionários que o Poder Público nunca se preocupou em profissionalizar.

Em Rondônia, por exemplo, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Rondônia (Sintero) negociou um plano de carreira que dispensasse à merendeira, ao porteiro,

aos inúmeros agentes administrativos, vantagens salariais e condições de trabalho diferentes das concebidas aos funcionários de igual nomenclatura funcional atuantes em órgãos e secretarias diferentes da educação, tendo em vista a relevância social da atuação destes funcionários, tal como Cleide (2004) descreve:

“...que tem a missão de garantir a aprendizagem dos alunos, e não qualquer aprendizagem, mas a aprendizagem que incorpore novos meios e métodos de ensino, um conjunto de informações e habilidades socialmente justas e importantes, pois a escola da educação básica se tornou acessível a todas as classes sociais e deve se pautar pela construção cidadã e democrática”.

Em relação à profissionalização dos funcionários de apoio, destaca-se a experiência de Mato Grosso, onde o desafio de profissionalizar tais funcionários iniciou-se em 1988 e, depois de muitas discussões, foram identificadas novas categorias de funcionários de escolas, bem como a necessidade de se criarem cursos profissionalizantes (2º Grau) para ensejar sua habilitação. Além do “técnico em alimentação escolar” conceberam-se três outras nomenclaturas – “técnico em administração escolar”; “técnico em multimeios didáticos” e “técnico em manutenção de infra-estruturas escolares”. Os cursos habilitaram pessoas que se sentiam excluídas da tarefa de educar, passando a integrá-las neste processo, permitindo com a valorização de sua força de trabalho tanto ganhos pessoais, o maior deles, o ganho da comunidade escolar.

O MEC, em seu Plano Plurianual 2004-2007, incluiu o *Programa de Valorização e Formação de Professores e Trabalhadores da Educação Básica*, objetivando, sobretudo, “valorizar e capacitar os servidores e trabalhadores dos sistemas públicos de ensino e

organizações não-governamentais voltadas para a educação escolar, ofertando elementos motivadores de progressão funcional e conhecimentos técnicos para o aprimoramento de seu trabalho”. Assim, de forma inédita, em 2004 os funcionários de escola foram incluídos nos programas de Valorização dos Trabalhadores em Educação, com verbas específicas. O documento criado neste mesmo ano, *“Por uma política de valorização dos trabalhadores em educação: em cena, os funcionários de escola”*, constitui-se da intenção de colocar em cena os funcionários de apoio, instalando no ambiente nacional a discussão de uma política de sua valorização a ser implementada em regime de colaboração com os sistemas de ensino.

O documento traz como princípios a qualificação profissional como alicerce da construção de planos de carreira sólidos, contempladores da unificação de todos os profissionais da educação em uma só categoria, com cargos, salários e progressão funcional bem definidos, de condições adequadas de trabalho e indicadores da formação inicial continuada, e a necessidade inegável da colaboração entre os sistemas de ensino para a concepção e implementação de uma Política Nacional de Valorização dos Funcionários de Escola. A implementação de propostas políticas, como consta no referido documento

“deverá ser orientada por três eixos relevantes para a valorização permanente dos profissionais da educação básica: a) reconhecimento das novas identidades funcionais, b) formação inicial e continuada, c) construção de plano de carreira e definição de piso salarial”.

Além da criação deste documento, foi realizado também o *Seminário Nacional sobre Política de Valorização de Trabalhadores em Educação*. O evento, realizado em Brasília,

de 26 a 28 de abril de 2004, “marca um momento inédito na história educacional do país”. Com o objetivo de subsidiar o processo inicial de discussão sobre a valorização dos trabalhadores em educação, na perspectiva da construção de uma política pública nacional, o encontro contou com uma expressiva representatividade dos setores vinculados à educação, como Sindicatos, Secretarias Estaduais de Educação, Secretaria de Educação, dentre vários outros segmentos. Organizado em três momentos, o Seminário trouxe um circuito de palestras, abordando desde aspectos e proposições legais até a formação profissional para a categoria, apresentou relatos das experiências formativas dos Estados de Mato Grosso e Acre e dos Municípios de Cuiabá e Goiânia e, por fim, discussões sobre a temática através da organização dos participantes em grupos de trabalho. Pode-se dizer que são propostas que servem como iniciativas pra que um longo caminho ainda seja trilhado, contornando-se obstáculos tanto estruturais como políticas que truncam o desenvolvimento do sistema educacional no Brasil.

Resta-nos, diante desta apresentação de algumas propostas em voga, que começam a dar os primeiros passos, na direção da valorização do profissional da educação, sobretudo os funcionários de apoio, trazer ainda uma breve discussão acerca de um outro determinante das relações que se dão na escola. Trata-se da gestão da educação. Fizemos embocar nestas finais uma consideração sobre a problemática da gestão porque, em muito, ela também determina a posição depreciativa em que se encontram os funcionários de apoio, tendo em vista seu caráter determinante das relações entre os sujeitos na escola. Se remetermo-nos às falas das entrevistas apresentadas no capítulo anterior, vemos que em muito a gestão da educação, apesar das inúmeras discussões acerca de sua democratização, ainda assume, no sistema educacional, como na escola, um formato piramidal, em que um dirigente maior responde pelas ações educativas empreendidas. Segundo Barros (2004),

As relações que se estabelecem em ambientes assim primam pela obediência e pela fragmentação, que se estendem até a sala de aula, na qual a relação professor-aluno se dá nos mesmos moldes — a autoridade pedagógica, o portador do saber, isto é, o professor, repassa para quem obedece e aprende, o aluno. De tradição positivista, essa forma de organização apresenta uma visão verticalizadora do processo ensino-aprendizagem, porque não leva em consideração a intersubjetividade do processo pedagógico e a função emancipatória que fundamenta os fins da educação”.

Esse modelo de organização atende ao viés autoritário da sociedade brasileira, por formar pessoas propensas à subserviência — indivíduos passivos na relação social, contradizendo os objetivos que vem assumindo a educação, como apresentado no início do capítulo. Assim, as relações autoritárias e hierarquizadas que acontecem dentro da escola, distanciam os funcionários de apoio da participação no processo educativo, bem como inferioriza-o sublevando umas funções sobre outras. Assim, cabe encerrar com a proposta da luta pela efetivação de uma gestão democrática, fundamentada na autonomia, na participação e na emancipação, construindo um novo paradigma, capaz de construir a escola cidadã, requerida pela sociedade contemporânea e formar indivíduos emancipados, conscientes e ativos.

Por fim, imbuídos da certeza de que educar é muito mais que transmitir conhecimentos, logo, conscientes de que toda ação é educativa, temos na figura dos trabalhadores da educação sujeitos que, com sensibilidade, experiência de vida e bom senso, têm a possibilidade de contribuir imensamente na luta pela defesa da educação pública, laica, gratuita e de qualidade para todos(as), arrefecendo o elitismo na escola pública, valorizando o trabalho coletivo, na construção de uma escola não mais hierarquizada e conservadora, mas criticamente política e emancipadora.

Assim, todos os funcionários de apoio são convocados para assumir seu papel educador, não se rendendo mais à execução automatizada de tarefas, mas, ao contrário, refletindo permanentemente sobre suas ações, reconhecendo-as como influentes na formação dos educandos. A competência profissional legitima a ação do funcionário de apoio da escola, conferindo-lhe identidade com a atividade que realiza e a dignidade da profissão, estabelecendo, entre outras atribuições, sua participação na elaboração da proposta pedagógica, na preparação e na avaliação do trabalho educativo, este por hora, se mostra como o caminho a ser percorrido. A profissionalização dos funcionários enfrentará inúmeras dificuldades em toda a sua extensão, como de elevação de escolaridade, de formação profissional inicial e continuada, de salário e carreira, entre muitos outros peculiares a cada localidade, desafios a serem problematizados, discutidos e superados, desde que se conte também com a vontade política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o desenvolver da pesquisa, considerações foram sendo feitas discutindo a problemática proposta, elucidando algumas questões e instigando outras, de modo que somos impelidos a, brevemente, finalizarmos o trabalho com algumas considerações as quais pensamos ser relevantes.

Começamos discorrendo sobre o trecho de um dos escritos de Paulo Freire,

“É incrível que não imaginemos a significação do “discurso” formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza da sala, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. A uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço... O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica....” (Freire, 1998, p. 50;73).

Duas são as análises que intencionamos com a transcrição deste excerto: uma, mais uma vez persistimos, diz da natureza educativa da escola, seu espaço, sua disposição, suas

paredes, enfim, toda sua materialidade, bem como subjetividade, educam incontestavelmente e à todo momento. A segunda análise, em congruência à primeira, ressalta o quanto também as relações intersubjetivas que acontecem no interior da escola educam e são educadas na vivência, harmoniosa ou não, com o outro, o que, torna inconteste o caráter educador da atuação dos funcionários de apoio da/na escola.

Diante disso, queremos compartilhar de nossas impressões acerca da inserção do funcionário de apoio da/na escola, tendo em vista a natureza educativa de seu papel bem como sua valorização. Entendemos ser este um processo a ser construído, pois o sentido pedagógico do trabalho dos funcionários escolares passa pela construção que envolve não só a formação, a valorização e uma melhor remuneração, ou políticas, mas, outrossim, pelo próprio coletivo da escola, em conscientizar os funcionários e a si mesmo através de uma gestão participativa e democrática.

Neste sentido, fazer acontecer este processo implica no crescimento do próprio coletivo das escolas, em trabalhar no grupo a construção da concepção de uma educação transgressora de seu caráter conteudista, levando em consideração todas as partes envolvidas, incluindo professores, gestores, comunidade e funcionários escolares, todos envolvidos no processo educativo da escola. Urge compreendermos que merendeiras, faxineiras, secretárias, auxiliares de secretaria, agentes de portaria, vigias, inspetores de aluno e outras funções elencadas como de “apoio”, não apenas são capazes, como têm o direito de dar novas idéias, entender e disseminar o processo educativo, a política pedagógica da escola em que trabalham. Veiga aponta que

“Quando se busca uma nova organização do trabalho pedagógico, está se considerando que as relações de trabalho, no interior da escola, deverão estar calcadas nas atitudes de

solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva, em contraposição à organização regida pelos princípios da divisão do trabalho, da fragmentação e do controle hierárquico". (Veiga, 1997, p.31).

Logo, falar de valorização do funcionário de apoio, sua profissionalização e constituição de identidade, perpassa necessariamente o caminho da organização democrática do trabalho pedagógico.

Nas entrevistas este aspecto esteve sempre presente, de modo que pudemos captar, sinteticamente, dois olhares acerca do profissional de apoio da escola: aquele que não reconhece na figura deste profissional seu papel educativo irrefutável, tendo em vista a natureza mesmo do processo educativo que se dá na escola; e aquele que reconhece um engajamento educativo nas práticas deste profissional, considerando a dimensão ética e humana a que se refere o ato de educar, o qual transpõem as paredes da sala de aula e as concepções conteudistas de educação.

A construção de um novo olhar de valorização e reconhecimento do papel educador dos funcionários de apoio deve sim começar no interior da escola, mas somente a vontade política, a priorização e uma nova concepção de gestão pública e de recursos humanos no serviço público poderá de fato descortinar a ignorância da desconsideração de tal natureza educativa inerente a todas as funções na/da escola.

Por fim, focar o trabalhador não-docente e as relações intersubjetivas que envolvem a atuação destes trabalhadores na escola possibilitou, durante a pesquisa, adentrarmos a escola por outra via, conhecendo o universo escolar por um foco diferente dos comentários utilizados, o que representou uma experiência muito instigante na pesquisa, ampliando conhecimentos acerca da educação em si mesma.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Delci de Souza. **Gestão da escola e do sistema escolar.** *In:* Educação em revista. Edição n°6, 2004, p.50 – 63.
- CLEIDE, Fátima. **De “coadjuvante” à educador.** *In:* Educação em revista. Edição n°6, 2004. p.22 - 31.
- EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elisie. **A escola: Relato de um processo inacabado de construção.** *In:* “_____”. Pesquisa Participante”. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GALLO, Sílvio. **Transversalidade e Educação: pensando uma educação não-disciplinar.** *In:* ALVES, N. & GARCIA, R.L. (orgs) O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LIBÂNEO, J. C., FERREIRA, J. F. e TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Cortez, 2003.
- MINAYO, M. C. DE. S (org). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- NUNES, Bernadete de Oliveira. **O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro.** [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000. xi, 161 p.

TOSCHI, M. S., GUIMARÃES, V. S. e FARIA, J. G. **Funcionários Escolares – educadores silenciosos.** *In:* Educação em revista. Edição nº6, 2004. p.06-16.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção coletiva.** *In:* _____ (org) Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível. Campinas - SP: Papyrus, 1997.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA FUNCIONÁRIOS DE APOIO

Função: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Escolaridade: _____

Estado Civil: _____ N° de Filhos _____

Quais as funções que você desempenha dentro da escola? Dentre estas há alguma(s) que você não considera realmente sua função?

Como você relaciona sua função e o papel educador da escola? Você vê no seu trabalho algum envolvimento com as práticas pedagógicas dentro da escola?

Como você vê a relação entre os funcionários de apoio da escola entre si e entre os demais funcionários?

Quais as motivações que te levam a trabalhar nesta função?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS

Série em que estuda: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Quem são as pessoas que trabalham em sua escola? O que elas fazem?

Como é a relação entre os funcionários de apoio da escola (merendeira, servente, monitora, secretária, etc) com os alunos?

Você acha importante o trabalho destas outras pessoas que trabalham na escola, além do professor? Por que?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA DOCENTES

Função: _____ Idade: _____ Sexo: _____
Escolaridade: _____
Estado Civil: _____ Nº de Filhos _____

De que maneira o trabalho dos funcionários de apoio da escola (merendeiras, serventes, monitoras, secretárias, etc) influenciam positivamente/negativamente no seu trabalho pedagógico?

Como você vê a relação entre os funcionários de apoio da escola entre si e entre os professores?

Relate algum caso/situação vivenciado por você, no seu dia-a-dia na escola, em que estes profissionais de apoio tenham afetado de algum modo seu trabalho.
